

Mudança sintática em andamento: o caso dos “classificadores genitivos” em línguas caribes

*Ongoing syntactic change:
the case of genitive classifiers in Cariban languages*

Sérgio MEIRA*

Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG)

RESUMO: Este artigo examina as construções com classificadores genitivos discutidas para duas línguas caribes, o Apalaí e o Panare. Com base em dados de uma terceira língua caribe, o Tiriyo, confirma-se a análise proposta para o Apalaí, baseada em construções apositivas, oposta à situação em Panare, que apresenta características distintas, mais compatíveis com a análise de classificadores genitivos. Propõe-se uma hipótese diacrônica, em que a situação do Panare é vista como inovativa, tendo-se desenvolvido a partir de construções apositivas como as encontradas em Tiriyo e Apalaí. Em conclusão, apresentam-se algumas observações sobre estas construções nessas três línguas, bem como sobre o conceito de “classificadores genitivos,” sua definição gramatical e tipológica e suas origens históricas.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas caribes. Construções possessivas. Classificadores genitivos. Sintaxe diacrônica.

ABSTRACT: This article examines constructions involving genitive classifiers as discussed for two Cariban languages, Apalai and Panare. With data from a third Cariban language, Tiriyo, the analysis proposed for Apalai, based on appositional constructions, is confirmed, as opposed to Panare, in which the corresponding construction presents quite distinct features, more compatible with a genitive classifier analysis. A diachronic hypothesis is proposed whereby the Panare situation is seen as innovative, resulting from the evolution of appositive constructions such as those found in Tiriyo and Apalai. In the conclusion, some remarks are made about similar constructions in these three languages, as well as about the concept of “genitive classifiers,” their grammatical and typological definition and their historical origins.

KEYWORDS: Cariban languages. Possessive constructions. Genitive classifiers. Diachronic syntax.

Introdução

As línguas caribes formam uma família com cerca de 20 a 40 línguas (número que varia de acordo com critérios como a inclusão de línguas mortas ou apenas mencionadas na literatura, bem como com opiniões diferentes sobre quais variedades são dialetos ou línguas independentes; veja-se MEIRA, 2005; GILDEA, 2012), as quais se distribuem por todo o norte da América do Sul, da Guiana Francesa à Colômbia e da

* Ph.D. em linguística, bolsista do CNPq (BJT no. 313823/2013-8), atualmente vinculado, como pesquisador visitante, à Área de Linguística da Coordenadoria de Ciências Humanas (CCH) do Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG). Contato: asehpe@gmail.com. Abreviações: 1, 2, 3 = primeira, segunda e terceira pessoa, CAUS = causativo, CAUSEE = ‘causee’, ENF = enfático, HIP = hipotético, IRR = *irrealis*, NZR = nominalizador, PAS = passado, POSS = (sufixo) possessivo, PRES = presente.

Venezuela ao Brasil central. A família possui várias características de interesse tipológico, entre as quais a redução silábica (GILDEA, 1995; MATTÉI-MULLER, 1981 sobre Panare; MEIRA, 1999b sobre Tiriyó), o acento rítmico jâmbico (WETZELS e MEIRA, 2010, MEIRA, 1998 sobre Tiriyó; HAYES, 1995 sobre Hixkaryana), sistemas regulares de alternância vocálica ou *ablaut* (MEIRA, GILDEA e HOFF, 2010), a aparente ausência de uma classe de adjetivos (DERBYSHIRE, 1985 sobre Hixkaryana; MEIRA e GILDEA, 2009; GILDEA, 2012 *contra* DIXON, 2006), a ocorrência da ordem básica OVS, bastante rara entre as línguas do mundo (DERBYSHIRE, 1985, 1987; MEIRA, 2005; GILDEA, 1997), a evolução de ergatividade a partir de nominalizações verbais (GILDEA, 1998), e a existência de sistemas ativo-estativos epifenomenais (MEIRA, 2000; GILDEA, 2012) e de um sistema de marcação de pessoa em verbos transitivos geralmente descrito como hierárquico (GILDEA, 1998, 2012).

Uma característica menos famosa, mas igualmente interessante, é a possível existência de classificadores genitivos em certas línguas da família, sugestão inicialmente proposta por Mattei-Muller (1974) para o Panare, retomada para a mesma língua por Carlson e Payne (1989; veja-se também PAYNE e PAYNE, 2013), e discutida para o Apalaí por Koehn (1994; veja-se também KOEHN e KOEHN, 1986).

Neste trabalho, empreenderemos uma comparação destas duas propostas para uma terceira língua caribe, o Tiriyó. Em seguida, observar-se-á até que ponto a comparação das duas propostas em Tiriyó pode ser levada para o Apalaí e o Panare, com base nos dados disponíveis destas duas línguas. Devido à ausência de dados específicos, não se pode propor uma conclusão definitiva; tentativamente, contudo, o Apalaí parece estar próximo ao Tiriyó (ambos com termos genéricos em oposição a termos mais específicos), enquanto que o Panare parece ter desenvolvido um sistema diferente, para o qual o termo “classificadores genitivos” talvez seja adequado. Na conclusão, exploraremos algumas das consequências da situação nestas línguas para o conceito de “classificador genitivo”.

1 Construções possessivas

Em línguas caribes, substantivos possuídos aparecem marcados por um sufixo de posse (derivados dos sufixos Proto-Caribe *-ri, *-ti, *-ni ou, em alguns casos, *-∅).

O possuidor é indicado seja por meio de um prefixo de pessoa (1a-b, 2a-b), seja através de um substantivo ou locução (sintagma) nominal independente; neste último caso, não ocorre prefixo no substantivo possuído (1c-d, 2c). Em algumas línguas, entre as quais o Panare, ocorre um prefixo de ligação *j-*, às vezes dito “relacional” (= REL), caso o segmento inicial do termo possuído seja uma vogal (2d).

(1) Posse nominal em Apalaí (KOEHN, 1994; KOEHN e KOEHN, 1986; notas de campo do autor)

- | | |
|---|--|
| <p>a. (<i>kanawa</i> ‘canoa’)
 <i>i-kana-ri</i> ‘minha canoa’
 <i>a-kana-ri</i> ‘tua canoa’
 <i>i-kana-ri</i> ‘canoa dele/a’
 <i>ki-kana-ri</i> ‘nossa (incl.) canoa’¹</p> | <p>b. (<i>enu</i> ‘olho(s)’)
 <i>j-enu-ru</i> ‘meu(s) olho(s)’
 <i>o-enu-ru</i> ‘teu(s) olho(s)’
 <i>enu-ru</i> ‘olho(s) dele/dela’
 <i>ku-enu-ru</i> ‘nosso(s) (incl.) olho(s)’</p> |
| <p>c. <i>ruka kana-ri</i>
 Lucas canoa-POSS
 ‘canoa de Lucas’</p> | <p>d. <i>ruka enu-ru</i>
 Lucas olho-POSS
 ‘olho(s) de Lucas’</p> |

(2) Posse nominal em Panare (MATTEI-MULLER, 1974, 1994, PAYNE e PAYNE, 2013)

- | | |
|--|---|
| <p>a. (<i>mata</i> ‘ombro’)
 (<i>jí-</i>)<i>máta-n</i> ‘meu ombro’²
 <i>a-matá-n</i> ‘teu ombro’
 <i>ji-matá-n</i> ‘ombro dele/a’</p> | <p>b. (<i>epa</i> ‘mão’)
 <i>j-épa-n</i> ‘minha mão’
 <i>aj-epá-n</i> ‘tua mão’
 <i>j-epá-n</i> ‘mão dele/a’</p> |
|--|---|

¹ As pessoas do plural não têm prefixos específicos; usa-se um sufixo marcador de pluralização do possuidor (p.ex., em Apalaí, o sufixo *komo*, como em *ki-kana-ri-komo* ‘canoa(s) de nós todos’, *a-kana-ri-komo* ‘canoa(s) de vocês’, *i-kana-ri-komo* ‘canoa(s) deles/delas’. Há também um prefixo de posse reflexiva (correferencial com o sujeito da oração), em Apalaí *t(i)*: *tí-kana-ri* ‘canoa dele/a mesmo/a (do sujeito da oração)’, *tí-kara-ri-komo* ‘canoa(s) deles/delas mesmos/mesmas (= dos sujeitos da oração)’. Estes morfemas adicionais (e seus equivalentes em Panare), contudo, não são relevantes para a questão dos classificadores genitivos e não serão retomados no presente trabalho.

² O prefixo de primeira pessoa *ji-* é opcional. Caso ocorra, ele é acentuado; em sua ausência, o acento recai sobre a primeira sílaba da raiz. As duas formas de primeira pessoa possíveis são, consequentemente, *jí-mata-n* ou *máta-n*. Note, além disso, a ausência de um prefixo de primeira pessoa inclusiva (comparável ao *k(i)-* Apalaí em 1a-b), uma característica específica do Panare. Note, também, que o prefixo “relacional” *j-* em (2d) não é o mesmo que o prefixo de terceira pessoa *j-*, uma vez que este, ao contrário daquele, não causa o deslocamento do acento para a sílaba inicial.

c. *toman máta-n*
Tomás ombro-POSS
'o ombro de Tomás'

d. *toman j-éna-n*
Tomás REL-mão-POSS
'a mão de Tomás'

Os sufixos de posse em línguas caribes definem classes morfológicas de raízes nominais possuíveis. Assim, em Apalaí, *kana(wa)* 'canoa' e *enu* 'olho' pertencem à classe *-ri* (o alomorfe *ru* em 1b provém de assimilação à vogal da raiz, a qual ocorre quando esta é *o* ou *u*), enquanto que *rato* 'faca' pertence à classe *ni* (*i-rato-ni* 'minha faca'), *epi* 'remédio' à classe *ti* (*j-epi-ti* 'meu remédio') e *oko* 'corpo' à classe $-\emptyset$ (*j-oko* 'meu corpo'). Não há grande correlação entre os traços semânticos como alienabilidade e as classes de posse: substantivos tipicamente alienáveis ou inalienáveis podem ocorrer em qualquer classe (note-se tanto 'canoa' quanto 'olho(s)' na classe *ri*), embora haja uma certa tendência para substantivos com referentes tipicamente alienáveis (itens da cultura material) ocorrerem na classe *-ni* (por exemplo, *rato* 'faca'; mas note-se também *kana(wa)* 'canoa' na classe *-ri*).

2 Construções com “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”

Além dos substantivos tipicamente alienáveis diretamente possuíveis mencionados acima, há outros que, em circunstâncias normais, não são diretamente possuíveis, ou seja, não tomam prefixos de pessoa nem sufixos de posse. Neste grupo incluem-se, em geral, nomes de plantas e animais ('cachorro', 'capivara', 'buriti', 'banana' etc.), bem como alguns termos relativos ao mundo natural ('montanha', 'sol' etc.).³ Pode-se, porém, expressar a posse destes termos através do uso de elementos intermediários que Mattei-Muller (1974), e posteriormente Carlson e Payne (1989), chamaram “classificadores genitivos” para o Panare, e Koehn (1994) “termos genéricos” para o Apalaí, como exemplificado em (3) e (4) abaixo.

³ Diz-se aqui “em circunstâncias normais” por que, em certos casos menos frequentes, a posse direta parece tornar-se admissível. Isto ocorre, por exemplo, em casos de lexicalização: em Tiriyo, o termo *wei* 'sol' pode ser possuído com o significado de 'relógio' (*ji-wei* 'meu relógio'). Outro caso parece ser o de uso não específico: também em Tiriyo, o termo *a-tonoro-kon* 'o(s) pássaro(s) de vocês' (*tonoro* 'pássaro'), em geral inaceitável, foi aceito no sentido de “os pássaros (típicos) da terra de vocês”, em contraste com os pássaros de outras paragens (veja-se Meira 1999a). Este último caso necessita estudos mais aprofundados.

(3) Posse via “termos genéricos” em Apalaí (KOEHN e KOEHN, 1986; notas de campo do autor)

- a. *a-napi-ri* *paruru* b. **a-paruru-ru*
2-comida-POSS banana
‘tua (comida) banana’

(4) Posse via “classificadores genitivos” em Panare (CARLSON e PAYNE, 1989; PAYNE e PAYNE, 2013)

- j-uku-n* *wanə*
1-bebida-POSS mel
‘meu mel’
(misturado com água, para beber)

Estas duas construções são, à primeira vista, idênticas, apesar de terem recebido designações diferentes dos autores que as descreveram. Antes de considerarmos as diferenças entre elas, contudo, cumpre realizar uma excursão em uma outra língua caribe, sobre a qual dispomos de maiores dados, e que nos permitirá observar melhor o âmbito de variação deste tipo de construções.

3 Construções possessivas e apositivas: o caso do Tiriyo

Em Tiriyo, encontramos a mesma construção possessiva já vista para o Apalaí e o Panare, com a diferença que o sufixo de posse está aparentemente sendo perdido: são poucos os contextos em que ele ocorre explicitamente,⁴ razão pela qual ele é posto entre parênteses em (5) abaixo. Note, além disso, que o “prefixo relacional” *j-* não ocorre (compare-se 2d e 5d). De fato, em Tiriyo, ao contrário do Panare e do Apalaí, um possuidor representado por um sintagma nominal explícito co-ocorre com a forma de

⁴ Basicamente, casos de ênfase (“esta é *minha faca*, não a sua, não toque nela!”), lamentos, em geral envolvendo vocativos (“oh, *meu filho*, *meu filho!*... por que isso foi acontecer com você!...”), ou, mais comumente, quando certos tipos de clíticos seguem a raiz possuída, como a posposição dativa =*ja* (com a qual o sufixo possessivo *ri* ocorre em sua forma plena: *ji-pawana* ‘meu amigo’, *ji-pawana-ri=ja* ‘para o meu amigo’) ou a partícula marcadora de plural ou associativo =*ton* (com a qual o sufixo possessivo ocorre em uma forma reduzida *h*: *ji-pawana* ‘meu amigo’, *ji-pawana-h=ton* ‘meus amigos’).

terceira pessoa da raiz possuída, parcada pelo prefixo *i-* ‘3’ quando esta começa por consoante (5c; compara-se 1c e 2c).⁵

(5) Posse nominal em Tiriyo (MEIRA, 1999; notas de campo do autor)

- | | | | | | |
|----|-----------------------|-----------------------|----|-------------------|---|
| a. | <i>(pawana</i> | ‘amigo’) | b. | <i>(enu</i> | ‘olho(s)’) |
| | <i>ji-pawana(-ri)</i> | ‘meu amigo’ | | <i>j-enu(-ru)</i> | ‘meu(s) olho(s)’ |
| | <i>ə-pawana(-ri)</i> | ‘teu amigo’ | | <i>ə-enu(-ru)</i> | ‘teu(s) olho(s)’ |
| | <i>i-pawana(-ri)</i> | ‘amigo dele/a’ | | <i>enu(-ru)</i> | ‘olho(s) dele/dela’ |
| | <i>ki-pawana(-ri)</i> | ‘nosso (incl.) amigo’ | | <i>k-ənu(-ru)</i> | ‘nosso(s) (incl.) olho(s)’ ⁶ |
-
- | | | | | | |
|----|--------------------|-----------------|----|----------------------|------------|
| c. | <i>pahko</i> | <i>i-pawana</i> | d. | <i>pahko</i> | <i>enu</i> |
| | 1.pai | 3-amigo | | 1.pai | 3.eye |
| | ‘amigo de meu pai’ | | | ‘olho(s) de meu pai’ | |

Encontram-se também em Tiriyo construções que envolvem “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”, semelhantes às mencionadas em (3) para o Apalaí e em (4) para o Panare. Como em Panare, observam-se também casos de contraste entre termos genéricos diferentes para um mesmo termo possuído, definidos segundo o tipo de relação entre o possuidor e o possuído (“animal doméstico” em 6c, onde se fala de um animal vivo, “caça” em 6d, onde se fala de um animal morto pelo falante, e “comida” em 6e, onde se fala de carne de macaco assada).

(6) Posse via “termos genéricos” em Tiriyo (MEIRA, 1999; notas de campo)

- | | | | | | |
|----|-------------------------|----------------|----|--|-------------|
| a. | <i>ji-nnapĩ</i> | <i>paaruru</i> | b. | <i>ji-joki</i> | <i>tuna</i> |
| | 1-comida | banana | | 1-bebida | água |
| | ‘minha (comida) banana’ | | | ‘minha (bebida) água’, ‘minha água de beber’ | |

⁵ Esta é uma situação relativamente frequente nas línguas do mundo (‘João-casa-dele’ = ‘a casa de João’; veja-se o apanhado tipológico em Heine 1997), mas bastante incomum na família caribe, onde é encontrada apenas em Tiriyo e em Bakairi. Trata-se claramente de uma inovação: Gildea (1998) reconstrói a situação do Panare (2c-d, incluindo-se o “prefixo relacional”) para o Proto-Caribe.

⁶ A mudança da vogal inicial da raiz, de *e* para *ə*, condicionada pelo prefixo de primeira pessoa inclusiva *k-*, é parte de um padrão de alternâncias vocálicas (*ablaut*) encontrado, em várias formas, na maioria das línguas da família (veja-se Meira, Gildea e Hoff 2010, onde o fenômeno é examinado em detalhe do ponto de vista diacrônico).

- c. *j-ek̄i taripi* d. *ji-kaimo taripi*
 1-criação macaco 1-caça macaco
 ‘meu macaco (de estimação)’ ‘meu macaco (o que eu matei)’
- e. *j-oti taripi*
 1-comida macaco
 ‘minha carne de macaco (para comer)’

Observe-se, contudo, que sequências de dois substantivos são frequentes em Tiriýó, tanto em contextos genitivos (7a-c) quanto não-genitivos (7d-e). Tais sequências são descritas em Meira (1999) como construções de natureza apositiva:

(7) Sequências de substantivos corefências em aposição em Tiriýó (notas de campo do autor):

- a. *ji-pawana tarano* b. *j-eemi kawə-no* c. *ji-nmuku Asehpë*
 1-amigo Tiriýó 1-filha alto-NZR 1-filho Asehpë
 ‘meu amigo Tiriýó’ ‘minha filha alta’ ‘meu filho Asehpë’
- d. *wəri tarano* e. *wəri kawə-no*
 mulher Tiriýó mulher alto-NZR
 ‘(uma) mulher Tiriýó’ ‘mulher alta’

Comparando-se os casos em (6) e (7), confronta-nos imediatamente a pergunta: trata-se do mesmo tipo de construção, ou haverá mais de um tipo? Qual é a estrutura sintática (sintagma nominal, aposição, etc.) dos exemplos acima? Para poder responder a estas perguntas, cumpre examinar os critérios com base nos quais se pode investigar a estrutura de construções em Tiriýó.

3.1 Sintagmas nominais em Tiriýó

Meira (1999) propõe que sintagmas nominais em Tiriýó podem compor-se apenas de:

- (i) um substantivo simples, possuído (8b) ou não (8a), seguido ou não por certos tipos de partículas (8c); ou
- (ii) um sintagma genitivo (possessivo), composto por um sintagma nominal possuidor e por um termo possuído, na forma de terceira pessoa (8d),⁷ ambos opcionalmente seguidos por partículas de escopo nominal (8e).

Este tipo de sintagma não se restringe a casos prototípicos de posse, mas inclui também nominalizações verbais precedidas por seus argumentos (8f-g). Note-se, *en passant*, que relações de modificação entre substantivos, que em certas línguas são expressos pela mesma construção usada para casos de posse (compare-se, em português, *a faca de Pedro* e *a faca de pedra*), não são expressas em Tiriyo como sintgamas possessivos: em (8h), *maja* ‘faca’ e *təpu ri-hpə* ‘a feita de pedra’ não formam um sintagma (embora *təpu ri-hpə* ‘a feita de pedra’ seja, por sua vez, um sintagma, baseado em uma nominalização verbal).

(8) Sintagmas (notas de campo):

- | | | | | | |
|----|---|----|--|----|---|
| a. | <i>maja</i>
faca
‘faca’ | b. | <i>ji-maja</i>
1-faca
‘minha faca’ | c. | <i>ji-majaa=rə</i> ⁸
1-faca=ENF
‘minha faca mesmo’ |
| d. | <i>pahko i-maja</i>
1.pai 3-faca
‘a faca do meu pai’ | e. | <i>pahko i-majaa=rə</i>
1.pai 3-faca=ENF
‘a faca do meu pai mesmo’ | | |
| f. | <i>pahko i-jahpəntə-ne</i>
1.pai 3-ajudar-AGT
‘o ajudante do meu pai’ | g. | <i>pahko i-jahpəntə-ne=rə</i>
1.pai 3-ajudar-AGT=ENF
‘o ajudante do meu pai mesmo’ | | |

⁷ Há também casos em que o termo possuído não aparece na terceira pessoa (e.g., *kan* ‘deus’ + *pakoro* ‘casa’ => *kan pakoro* ‘casa de deus’, ‘igreja’). Com relação às propriedades morfossintáticas listadas nesta seção, estes casos são idênticos aos em que o termo possuído aparece na terceira pessoa. Meira (1999) os considera resquícios do tipo anterior de sintagmas possessivos, sem o “prefixo relacional”, exemplificado em (2c-d) para o Panare.

⁸ O prolongamento da vogal final da raiz *maja* ‘faca’ em (8c) é o reflexo normal, neste contexto, do sufixo (-ri) mencionado acima, ex. (5), nota 4.

- h. *maja, təpu ri-hpə*
 faca pedra fazer-NZR.PAS
 ‘faca de pedra’ (lit. ‘faca, a feita de pedra’)

Os argumentos usados em Meira (1999) para demonstrar que os exemplos (10a-g) acima, sobretudo os compostos por mais de uma palavra, constituem sintagmas são os seguintes:

(i) *Restrições de ordenamento*. Alterações na ordem linear dos componentes de um sintagma são, em geral, impossíveis (9a-b), ou implicam consequências semânticas de peso (9c-d; note que é um sintagma, enquanto que 9d é uma oração), o que não é o caso entre elementos (sintagmas) independentes, onde mudanças semânticas, caso ocorram, não são obrigatórias (9e-f; a interpretação ‘mulher alta’ é preferida, mas não obrigatória, em 9e, enquanto que ‘a mulher é alta’ é preferida, mas não obrigatória, em 9f; note-se que, nos exemplos, a primeira tradução dada é sempre a preferida):

(9) Efeitos da mudança de ordem no significado de um sintagma (MEIRA, 1999, notas de campo)

- | | |
|--|--|
| <p>a. <i>pahko i-maja</i>
 1.pai 3-faca
 ‘a faca do meu pai’</p> | <p>b. *<i>i-maja pahko</i>
 (3-faca 1.pai)
 (?!meu pai é a faca dele)</p> |
| <p>c. <i>pahko i-pawana</i>
 1.pai 3-amigo
 ‘o amigo de meu pai’</p> | <p>d. <i>i-pawana pahko</i>
 3-amigo 1.pai
 ‘meu pai é amigo dele’</p> |
| <p>e. <i>wəri kawə-no</i>
 mulher alto-NZR
 ‘mulher alta’; ‘a mulher é alta’</p> | <p>f. <i>kawə-no wəri</i>
 alto-NZR mulher
 ‘a mulher é alta’; ‘mulher alta’</p> |

(ii) *Entoação*. Em circunstâncias normais, não é possível fazer uma pausa entoacional (diferente de uma hesitação ou erro) entre os elementos de um sintagma sem, pelo menos, uma mudança semântica significativa (10a-b); entre sintagmas,

contudo, tais pausas podem ocorrer, em geral como parte de algum contorno entoacional específico (10c-d).

(10) Sintagmas com pausas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- | | |
|---|--|
| <p>a. <i>pahko i-pawana ni-tən</i>
 1.pai 3-amigo 3-ir.PAS
 ‘o amigo do meu pai foi (embora)’</p> | <p>b. <i>pahko, i-pawana ni-tən</i>
 1.pai 3-amigo 3-ir.PAS
 ‘pai! o amigo dele foi (embora).’</p> |
| <p>c. <i>wəri kawə-no ni-tən</i>
 mulher alto-NZR 3-ir.PAS
 ‘a mulher alta foi (embora)’</p> | <p>d. <i>wəri, kawə-no ni-tən</i>
 mulher alto-NZR 3-ir.PAS
 ‘a mulher alta foi (embora)’</p> |

(iii) *Separabilidade*. Em geral, não se pode inserir elementos externos entre os componentes de um sintagma (11a-b): veja-se que, em (11b), o verbo *n-ee-jan*, núcleo do predicado oracional, não pode ser inserido entre *pahko* e *i-pawana*. Já entre termos que não compoem sintagma, a inserção de elementos externos (levando-se em conta possíveis restrições pragmáticas) é perfeitamente possível (11c-d).⁹

(11) Inserção de elementos externos em sintagmas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- | | |
|---|---|
| <p>a. <i>pahko i-pawana n-ee-jan</i>
 1.pai 3-amigo 3-vir-PRES
 ‘o amigo do meu pai está vindo’</p> | <p>b. *<i>pahko n-ee-jan i-pawana</i>
 (1.pai 3-vir-PRES 3-amigo)</p> |
| <p>c. <i>wəri kawə-no n-ee-jan</i>
 mulher alto-NZR 3-vir-PRES
 ‘a mulher alta está vindo’</p> | <p>d. <i>wəri n-ee-jan kawə-no</i>
 mulher 3-vir-PRES alto-NZR
 ‘a mulher alta está vindo’</p> |

(iv) *Partículas de segunda posição*. Em Tiriyó, como em muitas outras línguas, há partículas sempre posicionadas em seguida ao primeiro sintagma da oração, seja ele verbal, nominal ou adverbial. Um exemplo é a partícula *mo* ‘*irrealis*’, que marca, em

⁹ Há partículas que podem ser inseridas entre os dois elementos de um sintagma, formando um constituinte de nível inferior ao sintagma com o primeiro elemento. Este constituinte, por não ser sintagma, é irrelevante para a questão aqui discutida, e não será tratado em detalhe (veja-se Meira 1999 para maiores informações).

conjunto com o sufixo verbal *i*, orações hipotéticas. Observe-se o paralelismo entre (12a-b), em que um sintagma adverbial posposicional ocupa a primeira posição, e (12c-d), em que um sintagma nominal inicia a oração:

(12) Sintagmas com as partículas de segunda posição *mo* (MEIRA, 1999, notas de campo)

- | | | | |
|----|----------------------------------|----|------------------------------------|
| a. | <i>pahko akəəɾə=mo w-əpɪ-i</i> | b. | * <i>pahko=mo akəəɾə w-əpɪ-i</i> |
| | 1.pai com=IRR 1-vir-HIP | | (1.pai=IRR com 1-vir-HIP) |
| | ‘eu viria com o meu pai’ | | |
| c. | <i>pahko i-pawana=mo w-eta-i</i> | d. | * <i>pahko=mo i-pawana w-eta-i</i> |
| | 1.pai 3-amigo=IRR 1-ouvir-HIP | | (1.pai=IRR 3-amigo 1-ouvir-HIP) |
| | ‘eu ouviria o amigo do meu pai’ | | |

3.2 Aposição vs. classificadores genitivos

Voltando ao tema da possível identidade entre construções com classificadores genitivos e construções apositivas com termos genéricos, cumpre observar como estas duas construções se comportam com respeito aos quatro critérios mencionados na seção anterior. Nesta seção, comparar-se-ão os resultados para sequências semelhantes a *j-ekɪ tarɪpi* ‘meu macaco de estimação’ (6c, possível classificador genitivo), *ji-pawana tarəno* ‘meu amigo Tiriyó’ (7a, possível substantivo possuído em aposição) e *wəri kawə-no* ‘mulher alta’ (7e, substantivos não possuídos em aposição).

(i) *Restrições de ordenamento*. Para este critério, não há diferenças significativas entre as três construções: tanto no caso dos possíveis classificadores (13a-b) quanto no dos substantivos em aposição, possuídos (13c-d) ou não possuídos (13e-f), observamos que tanto os significados sintagmáticos (meu cachorro de estimação, meu amigo Tiriyó, mulher alta) quanto os oracionais (meu bicho de estimação é um cachorro, meu amigo é Tiriyó, a mulher é alta) são possíveis. A ordem altera a preferência: (13a) é muito mais frequentemente interpretado com tendo significado sintagmático (meu cachorro de estimação), enquanto que para (13b) a interpretação preferida é a oracional (meu bicho

de estimação é um cachorro). O significado não preferido, embora possível, é menos natural, e tende ser acompanhado por mudanças entoacionais (em geral, uma pausa entre os termos).¹⁰ Estes resultados são claramente diferentes dos observados com sintagmas em (9).

(13) Efeitos da mudança de ordem (MEIRA, 1999, notas de campo)

- | | |
|---|---|
| <p>a. <i>j-eki</i> <i>kaikui</i>
 1-criação cachorro
 ‘meu cachorro (de estimação)’;
 ‘meu bicho de estimação é um cachorro’</p> | <p>b. <i>kaikui</i> <i>j-eki</i>
 cachorro 1-criação
 ‘meu bicho de estimação é um cachorro’;
 ‘meu cachorro (de estimação)’</p> |
| <p>c. <i>ji-pawana</i> <i>tarəno</i>
 1-amigo Tiriyó
 ‘meu amigo Tiriyó’; ‘meu amigo é Tiriyó’</p> | <p>d. <i>tarəno</i> <i>ji-pawana</i>
 Tiriyó 1-amigo
 ‘meu amigo é Tiriyó’; ‘meu amigo Tiriyó’</p> |
| <p>e. <i>wəri</i> <i>kawə-no</i>
 mulher alto-NZR
 ‘mulher alta’; ‘a mulher é alta’</p> | <p>f. <i>kawə-no</i> <i>wəri</i>
 alto-NZR mulher
 ‘a mulher é alta’; ‘mulher alta’</p> |

(ii) *Entoação*. Com respeito a este critério, há grande semelhança entre possíveis classificadores (14a-b) e substantivos em aposição, possuídos (14c-d) ou não possuídos (14e-f): em todos os casos, a ocorrência de uma pausa não acarreta grandes consequências semânticas, ao contrário do que foi observado para sintagmas em (10). Note-se, contudo, que a frequência de pausas é muito maior no caso de substantivos em aposição: quando estes não são possuídos, a ocorrência de pausas é o caso normal (14f é muito mais frequente e natural do que 14e), e quando o primeiro termo é possuído, pausas podem ocorrer ou não com a mesma frequência (14c e 14d parecem igualmente frequentes). Já com os possíveis classificadores, a ocorrência de pausas é mais rara (14a é mais frequente e mais facilmente aceitável do que 14b).

¹⁰ Note-se que estes resultados provêm de elicitación e discussão com falantes. Ainda não foram realizadas comparações entre essas construções em textos.

(14) Efeitos da inserção de pausas (MEIRA, 1999, notas de campo)

- a. *j-eki kaikui ni-tən* b. *j-eki, kaikui ni-tən*
1-criação cachorro 3-ir.PAS 1-criação cachorro 3-ir.PAS
'meu cachorro foi (embora)'
- c. *ji-pawana tarəno ni-tən* d. *ji-pawana, tarəno ni-tən*
1-amigo Tiriyo 3-ir.PAS 1-amigo Tiriyo 3-ir.PAS
'meu amigo Tiriyo foi (embora)'
- e. *wəri kawə-no ni-tən* f. *wəri, kawə-no ni-tən*
mulher alto-NZR 3-ir.PAS mulher alto-NZR
'a mulher alta foi (embora)'

(iii) *Separabilidade*. Este critério tampouco diferencia possíveis classificadores (15a-b) de substantivos em aposição (15c-f): em todos os casos, os substantivos podem ser separados por um verbo sem grandes consequências semânticas.¹¹ Isto contrasta claramente com o que foi observado para sintagmas, onde a separação é impossível ou causa mudanças semânticas significativas (11).

(15) Efeitos da inserção de elementos externos (MEIRA, 1999, notas de campo)

- a. *j-eki kaikui n-ee-jan* b. *j-eki n-ee-jan kaikui*
1-criação cachorro 3-vir-PRES 1-criação 3-vir-PRES cachorro
'o meu cachorro está vindo'
- c. *ji-pawana tarəno n-ee-jan* d. *ji-pawana n-ee-jan tarəno*
1-amigo Tiriyo 3-vir-PRES 1-amigo 3-vir-PRES Tiriyo
'meu amigo Tiriyo está vindo'

¹¹ Talvez haja diferenças pragmáticas ou textuais, relacionadas, por exemplo, ao nível de topicalidade ou à coerência textual, associadas com ordens diferentes. Estas possibilidades ainda não foram objeto de pesquisa.

- e. *wəri kawə-no n-ee-jan* f. *wəri n-ee-jan kawə-no*
mulher alto-NZR 3-vir-PRES mulher 3-vir-PRES alto-NZR
‘a mulher alta está vindo’ ‘a mulher alta está vindo’

(iv) *Partículas de segunda posição*. Com respeito a este critério, observa-se, novamente, uma clara diferença entre sintagmas (12), onde a partícula (neste caso, *mo* ‘*irrealis*’) não pode ocorrer entre os componentes, e os casos de classificadores (16a-c) e substantivos em aposição (16d-i), onde a ocorrência da partícula *mo* entre os componentes é fortemente preferida. De fato, a ocorrência de *mo* após os dois termos, tratando-os como um sintagma (16b, e, h), não é aceita por todos os falantes e é, em geral, considerada inferior a soluções que separam os dois elementos (16a, c, d, f, g, i). De fato, os falantes, em geral, preferem as soluções em que um dos termos ocorre no fim da oração, aparentemente como um adendo ou “*afterthought*”, com uma pausa após o verbo (16c, f, i), embora também aceitem as opções em que os dois termos ocorrem em posições adjacentes (16a, d, g).

(16) Inserção da partícula de segunda posição *mo* (MEIRA, 1999, notas de campo)

- a. *j-eki=mo kaikui w-arə-i* b. ?*j-eki kaikui=mo w-arə-i*
1-criação=IRR cachorro 1-levar-HIP 1-criação cachorro=IRR 1-levar-HIP
‘eu levaria o meu cachorro’ ‘eu levaria o meu cachorro’
- c. *j-eki=mo w-arə-i kaikui*
1-criação=IRR 1-levar-HIP cachorro
‘eu levaria o meu cachorro’
- d. *ji-pawana=mo tarəno w-arə-i* e. ?*ji-pawana tarəno=mo w-arə-i*
1-amigo=IRR Tiriyó 1-levar-HIP 1-amigo Tiriyó=IRR 1-levar-HIP
‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’ ‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’
- f. *ji-pawana=mo w-arə-i tarəno*
1-criação=IRR 1-levar-HIP Tiriyó
‘eu levaria o meu amigo Tiriyó’

- g. *wəri=mo* *kawə-no* *w-arə-i* h. ? *wəri* *kawə-no=mo* *w-arə-i*
mulher=IRR alto-NZR 1-levar-HIP mulher alto-NZR=IRR 1-levar-HIP
‘eu levaria a mulher alta’ ‘eu levaria a mulher alta’
- i. *wəri=mo* *w-arə-i* *kawə-no*
1-criação=IRR 1-levar-HIP alto-NZR
‘eu levaria a mulher alta’

Resumindo-se os resultados apresentados nos exemplos acima, construções com possíveis “classificadores genitivos” e construções com substantivos em aposição são semelhantes entre si, e ambas diferentes de sintagmas genuínos, com respeito a quatro critérios. Em sintagmas, os componentes não podem alterar sua ordem, não podem ser separados por pausas, não podem ser separados por outros termos, e são tratados como uma unidade por partículas de segunda posição. Em construções com “classificadores genitivos” e em construções com substantivos em aposição, uma vez que os termos podem mudar de ordem, podem ser (e em alguns casos geralmente são) separados por pausas, podem ser (e em alguns casos geralmente são) separados por outros termos (p.ex., verbos), e não são, em geral, tratados como uma unidade por partículas de segunda posição.

4 De volta ao Panare e ao Apalaí

Para o Apalaí, Koehn (1994) sugere que os possíveis “classificadores genitivos” são, de fato, termos genéricos, usados em aposição para indicar a posse de termos específicos não possuíveis. O argumento apresentado por Koehn é basicamente o fato de que os termos genéricos ocorrem geralmente por si sós, sendo acompanhados por termos mais específicos apenas quando o contexto o torna necessário. Em geral, o termo genérico é introduzido como um adendo final à oração (17a), ou até mesmo em uma oração separada (17b), embora haja também casos de aposição direta (17c):

(17) Termos genéricos em Apalaí (KOEHN, 1994)

- a. *piu a j-oʔ t-uo-po-ko, kuto*
rapaz CAUSEE 1-comida 3-matar-CAUS-IMPER sapo
'mande o rapaz matar a minha comida, o sapo' (= 'mande matar o sapo para eu comer')
- b. *o-kiri-ri aro-ri se ase. oti? mate.*
2-coisa-POS trazer-NZR desejoso 1.ser qual martelo
'Eu quero trazer a sua coisa / o seu pertence.' 'Qual?' 'O martelo.'
- c. *sẽ a-napi-ri, paruru*
este 2-comida-POS banana
'esta é a sua banana (para você comer)'

Note-se que este argumento é compatível com o que se observa em Tiriyo com respeito as critérios (ii) e (iii) acima, ilustrados nos exemplos (14) e (15): em Apalaí, como em Tiriyo, parece ser não só possível, mas até muito frequente, separar, por meio de pausa, ou também de elementos externos, os possíveis classificadores (termos genéricos) dos termos específicos correspondentes. Supomos que isto não é verdade para sintagmas verdadeiros em Apalaí. Contudo, não sabemos, devido à falta de dados relevantes, se os critérios (i) e (iv) geram também em Apalaí resultados semelhantes aos do Tiriyo.

Já em Panare, Carlson e Payne (1989) e Payne e Payne (2013) propõem a existência de classificadores genitivos genuínos em Panare, vários dos quais cognatos com os termos genéricos descritos por Koehn para o Apalaí. A principal razão apresentada para essa análise é que a construção em questão, além de exemplos como (4) (repetido abaixo como 18a), onde o termo possuído e o classificador são distintos, apresenta também exemplos como (18b), em que o mesmo elemento desempenha ambos os papéis. Uma razão adicional é a ausência de pausas, praticamente obrigatória, entre o classificador e o termo possuído em exemplos como (18), ao contrário do Apalaí (17c) e do Tiriyo (14), onde pausas são possíveis e até frequentes.

(18) Posse “classificadores genitivos” em Panare (CARLSON e PAYNE, 1989, MATTEI-MULLER, 1994)

- | | | | | | | |
|----|----------------|-------------|----|-----------|-----------------------------------|--------------|
| a. | <i>j-uku-n</i> | <i>wanə</i> | b. | <i>ju</i> | <i>wahto-n</i> | <i>wahto</i> |
| | 1-bebida-POSS | mel | | 1 | fogo-POSS | fogo |
| | ‘meu mel’ | | | | ‘meu fogo’ (lit. ‘meu fogo fogo’) | |
- (misturado com água, para beber)

Nas fontes disponíveis de Panare e Apalaí (bem como para outras línguas caribes), não são dadas maiores informações sobre outras propriedades sintáticas as construções de posse com “termos genéricos” ou “classificadores genitivos”. Além do fato que os “termos genéricos” ou “classificadores genitivos” podem ser usados independentemente, sem um termo específico, documentado para as três línguas (Tiriyó *eki*, Apalaí *eki*, Panare *jiki* ‘animal de criação’ podem todos ser utilizados sozinhos, sem um nome de animal específico), nenhuma informação adicional sobre a estrutura sintática das construções com esses termos é fornecida.

5 Sintagmas emergentes?

Resumindo-se os dados e as análises descritas nas seções anteriores, observa-se que:

1. O Apalaí e o Tiriyó são semelhantes: ambos têm construções com termos genéricos às quais termos específicos podem ser apostos, mas (pelo menos no caso do Tiriyó) sem a coesão sintática mais forte encontrada em sintagmas possessivos.
2. O Panare, por sua vez, difere do Apalaí e do Tiriyó em dois pontos:
 - a) pausas entre os termos (genérico e específico) são significativamente mais raras;
 - b) o termo genérico e o específico podem ser o mesmo (repetição; 18b).

O problema principal com o resumo acima é o fato de que não há dados disponíveis para o Panare e o Apalaí (de fato, para nenhuma língua caribe, exceto o Tiriyó) sobre o nível exato de coesão sintática entre os termos genérico e específico. Em

outras palavras, os parâmetros (i)-(iv), mencionados acima na Seç. 3.1, não foram, até o presente, aplicados consistentemente aos dados de nenhuma língua caribe na literatura disponível, com exceção do Tiriyo. Esperar-se-ia que o Apalaí apresentasse os mesmos resultados que o Tiriyo, e que o Panare diferisse dos dois em pelo menos alguns dos parâmetros (i)-(iv); não se pode, porém, afirmar com certeza que esta seja, de fato, a situação real. Pesquisas mais aprofundadas sobre a sintaxe de constituintes em línguas caribes continuam sendo necessárias.

Levando-se, porém, em conta as diferenças listadas acima em 2. entre o Panare e as duas outras línguas, a sugestão de Koehn (1994) parece ser confirmada: o Panare parece ter uma categoria de “classificadores genitivos”, tipicamente ocupando a primeira posição em construções como a do exemplo (18a-b), a qual teria evoluído a partir da (sub)categoria de “termos genéricos” como os encontrados em Apalaí e Tiriyo (mas veja-se a conclusão no fim do artigo). Poder-se-ia também esperar que a construção original, basicamente apositiva, se tivesse transformado em algo diferente (talvez um sintagma nominal genitivo) em Panare; por enquanto, contudo, não há dados que permitam decidir se a estrutura do exemplo (18b) é realmente a de um sintagma nominal, ou de dois sintagmas em aposição, ou de algo diferente.¹²

Conclusão: classificadores genitivos e suas motivações histórico-semânticas

Carlson e Payne (1989), em sua discussão introdutória sobre classificadores genitivos nas línguas do mundo, não dão muita ênfase ao *status* sintático das construções que descrevem. Interessam-lhes muito mais os aspectos semânticos: que significados são expressos por classificadores genitivos e que tipos de substantivos são possuídos através de classificadores genitivos (especialmente quando comparados com outros tipos de construções com classificadores), etc.

¹² Neste contexto, é interessante a sugestão de Meira (1999) sobre a possibilidade de que sequências de nomes em aposição em Tiriyo estejam evoluindo na direção de se tornarem sintagmas (elas seriam atualmente “sintagmas emergentes”), com base em certas características ainda não estabilizadas de tais sequências (por exemplo, elas podem ser seguidas por uma posposição que toma ambos os termos da sequência como objeto, aparentemente em variação livre com casos em que a posposição é repetida após cada termo: *kawə-no wəri ja* ‘para a mulher alta’ ~ *kawə-no ja, wəri ja* ‘para a mulher, para a alta’, com a posposição dativa *ja*). Construções apositivas com termos genéricos poderiam também ser “sintagmas emergentes” em Tiriyo. É interessante aqui observar que construções apositivas em que um dos termos é possuído (como em 13a-d) já parecem apresentar os começos de restrições de ordenamento, já que alterações na ordem tornam uma das duas interpretações possíveis mais provável do que a outra.

Cabe aqui perguntar se esta é uma boa ideia. Para outros tipos de classificadores nominais, características morfossintáticas (ocorrência em uma posição definida, p.ex. após o numeral, dentro do sintagma nominal; incorporação dentro da palavra verbal, ou em adjetivos e demonstrativos; utilização como elemento derivacional para formar novos substantivos; etc.) são fundamentais para a definição da categoria. Sugerimos aqui que este também seja o caso para classificadores genitivos: o seu *status* sintático (por exemplo, como parte de um sintagma nominal genitivo complexo que inclui também o termo específico) deve ser parte de sua definição.

Continua sendo verdade, contudo, que línguas como o Tiriyo são diferentes de línguas como o português: nesta última, pode-se dizer “meu cachorro” sem necessariamente incluir-se um termo como “de estimação”, enquanto que, em Tiriyo, isto não é, em geral, possível: “meu cachorro” precisa ser “meu cachorro de estimação” (*j-eki kaikui*).¹³ Esta diferença merece ser levada em conta em tipologias de construções genitivas; mas parece-nos importante manter explícito o fato de que, no caso Tiriyo, temos uma construção nominal apositiva, e não uma construção com classificadores genitivos. Por conseguinte, não afirmamos aqui que o Panare, apesar de possuir “termos genéricos” com propriedades mais compatíveis com “classificadores genitivos” do que seus cognatos em Apalaí ou Tiriyo, tenha, realmente, classificadores genitivos, uma vez que a estrutura sintática dos exemplos em que estes ocorrem (18a-b) ainda não está clara.

Na conclusão do seu artigo, Carlson e Payne oferecem como resposta à pergunta “por que classificadores genitivos geralmente distinguem categorias semânticas funcionais, enquanto que outros tipos de classificadores são mais sensíveis à forma ou tamanho do objeto classificado?” a ideia de que a construção possessiva (genitiva) por si só expressa frequentemente relações funcionais; classificadores típicos desta construção teriam, conseqüentemente, uma tendência natural a exprimirem relações funcionais. Pode-se, contudo, imaginar o mesmo resultado a partir de uma hipótese que não faz referência a classificadores. Poder-se-ia sugerir, por exemplo, que bastaria a simples co-existência em uma mesma língua de (a) construções nominais

¹³ Cumpre notar aqui que há contextos em que nomes de animais diretamente possuídos ocorrem em Tiriyo; especificamente, quando a relação entre o possuidor e o animal possuído não é nenhuma das relações prototípicas (animal de estimação, caça, comida). Por exemplo, no equivalente Tiriyo da oração “os pássaros da minha terra não são como os pássaros de vocês”, o termo *tonoro* ‘pássaro’ pode ser usado em forma diretamente possuída, *ə-tonoro-h-ton* ‘os pássaros de vocês’. Tais exemplos, contudo, são muito raros, mesmo em elicitación.

apositivas (frequentíssimas, se não universais, nas línguas do mundo), (b) termos genéricos (também provavelmente universais; pense-se em termos como “animal”, “comida”, “ferramenta”, “objeto”, etc. em português) e (c) de uma grupo de substantivos gramaticalmente não possuíveis mas semanticamente plausivelmente possuíveis (p.ex., nomes de plantas e animais) para que possam surgir construções apositivas entre termos genéricos e termos específicos que poderiam, posteriormente, gramaticalizar-se, dando origem a construções com classificadores genitivos. O ponto crucial seria, neste caso, não tanto as características semânticas da construção genitiva quanto os tipos de nomes que podem ou não ser possuídos, e o grau de facilidade de pô-los em posição.

REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, A. Y. Classifiers. Oxford Studies. In: *Typology and Linguistic Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- CARLSON, R.; PAYNE, D. Genitive classifiers. In *Proceedings of the Fourth Annual Pacific Linguistics Conference*, pp. 89–119. Eugene, OR: University of Oregon, 1989.
- DERBYSHIRE, D. C. *Hixkaryana and linguistic typology*. Dallas, TX: Summer Institute of Linguistics e University of Texas (Arlington), 1985.
- DERBYSHIRE, D. C. Areal characteristics of Amazonian languages. *International Journal of American Linguistics*, vol. 53, 1987, pp. 311–326.
- DERBYSHIRE, D. C. Carib. In *The Amazonian languages*, ed. por R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald, pp. 22–64. Cambridge Language Surveys. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In *Adjective classes: a cross-linguistic typology*, ed. por R. M. W. Dixon e A. Y. Aikhenvald, pp. 71–113, 2006.
- GILDEA, S. A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family. *International Journal of American Linguistics*, vol. 61, pp. 61–102, 1995.
- GILDEA, S. Introducing ergative word order via reanalysis: word order change in the Cariban family. In: *Essays on language function and language type*, ed. by J. Bybee, J. Haiman and S. Thompson, pp. 145–161. Amsterdam: John Benjamin, 1997.

- GILDEA, S. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford Studies in Anthropological Linguistics, vol. 18. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- GILDEA, S. Linguistic studies in the Cariban family. In *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*, ed. por L. Campbell and V. Grondona, pp. 441–494. The World of Linguistics (ed. by H. H. Hock), vol. 2. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2012.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1995.
- HEINE, B. *Possession: cognitive sources, forces, and grammaticalization*. Cambridge Studies in Linguistics, vol. 83. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- KOEHN, S. The use of generic terms in Apalai genitive constructions. *Revista latinoamericana de estudios etnolingüísticos*, vol. 8, 1994, pp. 39–48.
- KOEHN, E.; KOEHN, S. Apalai. In: *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 1, ed. por D. C. Derbyshire e G. K. Pullum, 1986, pp. 33–127.
- MATTEI-MULLER, M.-C. El sistema de posesión en la lengua panare. *Antropologica*, vol. 38, 1974, pp. 3–14.
- MATTEI-MULLER, M.-C. La reducción silábica en Panare. *Amerindia*, vol. 6, 1981, pp. 59–84.
- MATTEI-MULLER, M.-C. *Diccionario ilustrado panare-español, índice español-panare*. Caracas: Comisión Nacional Quinto Centenario, 1994.
- MEIRA, S. Rhythmic stress in Tiriyó (Cariban). *International Journal of American Linguistics*, vol. 64, 1998, pp. 352–378.
- MEIRA, S. *A grammar of Tiriyó*. Tese de doutorado (Ph.D.). Houston, TX: Departamento de Linguística, Rice University, 1999a.
- MEIRA, S. Syllable reduction and ghost syllables in Tiriyó. In: *XXV LACUS Forum*, ed. por S. J. J. Hwang e A. R. Lommel, pp. 125–131. Fullerton, CA: The Linguistic Association of Canada and the United States (LACUS), 1999b.
- MEIRA, S. The accidental intransitive split in the Cariban family. In: *Reconstructing grammar: comparative linguistics and grammaticalization theory*, pp. 201–230. Typological Studies in Language, vol. 43. Amsterdam: John Benjamins, 2000.
- MEIRA, S. Cariban languages. In: *Encyclopedia of Languages and Linguistics*, 2a. edição, ed. por K. Brown, pp. 199–204. Oxford: Elsevier, 2005.

- MEIRA, S.; GILDEA, S.; HOFF, B. J. On the origin of ablaut in the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, vol. 76 [Número Especial: *Historical Linguistics in South America*], 2010, pp. 474–515.
- MEIRA, S.; GILDEA, S. Property concepts in the Cariban family: adjectives, adverbs and/or nouns? In: *The linguistics of endangered languages: contributions to morphology and morphosyntax*, pp. 95–133. Utrecht: LOT Occasional Series, 2009.
- PAYNE, T. E.; PAYNE, D. L. *A typological grammar of Panare, a Cariban language of Venezuela*. Leiden, Boston: Brill, 2013.
- WETZELS, L.; MEIRA, S. A survey of South American stress systems. In: *A Survey of word accentual patterns in the languages of the world*, ed. por H. van der Hulst, R. Goedemans e E. van Zanten, pp. 313–380. Berlin, New York: De Gruyter Mouton, 2010.